

TECHNO, HOUSE E TRANCE. UMA INCURSÃO PELAS CULTURAS DA "DANCE MUSIC" (*)

VICTOR ALBERTO ABREU SILVA

RESUMO: Partindo de uma investigação de tipo etnográfico com recurso a entrevistas de profundidade com os actores, realizada ao longo de dois anos, descrevem-se os três principais grupos da Música de Dança Electrónica em Portugal (*Trance, House e Techno*). Chegamos à conclusão que os adeptos destes três grupos são diferentes entre si no que diz respeito à origem socioeconómica, valores dominantes e consumo de drogas. Conclui-se ainda, que existe uma transformação dos padrões de consumo de drogas. Em termos de intervenção com este tipo de consumidores, defende-se a adopção de estratégias de redução de riscos, nomeadamente testes a pastilhas.

Palavras-chave: *House; Techno; Trance*; Dance Music; Consumo Recreativo de drogas; Rave; Padrões de consumo; Redução de riscos.

RÉSUMÉ: En partant d'une investigation du type ethnographique réalisé au long de deux ans et en recourant à des interviews très exactes avec ses intervenants, nous décrivons les trois principaux groupes de musique de dance électronique au Portugal (*Trance, House et Techno*). Nous arrivons à la conclusion que les usagers de ces trois groupes sont différents entre eux au niveau socio-économique, des valeurs dominantes et de la consommation des drogues. Nous concluons aussi, qu'il existe une transformation des standards de consommation de drogue. En terme d'intervention avec ce genre de consommateurs, nous défendons l'adoption de stratégies de réduction des méfaits, comme par exemple le teste des pilules.

Mots-clé: *House; Techno; Trance*; Dance Music; Consommation Récréative de drogues; Rave; Modèles de consommation; Réduction des méfaits.

ABSTRACTS: Following a two-year ethnographic research, with indepth semi-open interviews with subjects, we describe the three most important groups of electronic dance music in Portugal (*Trance, House and Techno*). We come to the conclusion that the subjects of these three groups are different in what relates to socio-economic origin, dominant values and drug use. We conclude that there is a transformation of the patterns of drug use. In terms of intervention with this kind of drug users, harm reduction strategies are proposed, namely pill-testing.

Key Words: *House; Techno; Trance*; Dance Music; Recreational drug use; Rave; Patterns of drug use; Harm reduction.

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a cultura musical juvenil tem vindo a mudar muito. A música de dança é, hoje em dia, dominante e os consumos de drogas e grande parte das experiências vivenciais das faixas etárias mais jovens (e não só) desenrola-se em contextos recreativos. A investigação que desenvolvemos parte de uma observação fortuita. Um cartaz afixado numa rua do Porto anunciava uma grande festa numa discoteca do norte do país, referindo pistas de dança e DJ's de *Trance*, *House* e *Techno*. Na altura o nosso conhecimento sobre a música de dança era escasso e o facto de existirem pelo menos três estilos musicais de *dance-music* chamou-nos a atenção e originou algumas interrogações: havendo três tipos de música electrónica diferentes, será que as pessoas que gostam de um ou outro estilo são diferentes das outras? Consumirão drogas diferentes? Terão origens socioeconómicas diferentes? Estavam definidas as perguntas que originam uma investigação científica. Decidimo-nos a estudar estes três tipos de música, seus actores, os contextos, os consumos de drogas, os percursos individuais de inclusão nestas – chegaríamos depois a essa conclusão – subculturas.

A investigação foi realizada ao longo de dois anos, através de metodologia de cariz etnográfico, com observação participante nos contextos das festas e também com recurso a entrevistas semiabertas e de profundidade a actores que se moviam nestes contextos. A dissertação de mestrado acabou por ter o título "*Trance, House e Techno – Espiritualidade, Sensualidade e Energia: Uma incursão pelas culturas da música de dança electrónica: os grupos, os percursos individuais de inclusão, o uso de drogas*", assumindo o objectivo de descrever as principais subculturas da música de dança e, mais que isso, providenciar um "mapa" de reconhecimento deste fenómeno da *dance-music* e da sua associação ao consumo de drogas que servisse de apoio e ponto de partida para outras investigações.

Neste artigo, por razões de espaço, vamos-nos limitar a descrever os grupos que estudamos, nas suas dimensões de características dos actores, das festas e do consumo de drogas.⁽¹⁾

2. TECHNO

Os Actores

Os entusiastas do *Techno* são na sua maioria originários de classes sociais mais desfavorecidas, moradores, muitas vezes, em zonas desfavorecidas ou degradadas das cidades, nomeadamente bairros sociais.

O nível de escolaridade é baixo, raramente chegando sequer ao ensino secundário. Dos nossos entrevistados, apenas dois estavam a trabalhar, sendo emigrantes na Holanda. Os restantes assumiam-se como desempregados ou então como "não fazendo nada". As fontes de rendimento parecem resumir-se a pequenos biscates e eventualmente a algum pequeno tráfico de haxixe e ecstasy que parece tomar a dimensão de forma de financiamento dos próprios consumos e dos custos associados às idas às festas.

Existe uma cultura assumida de ligação à rua, de rudeza. Como afirma Jorge, de 26 anos "o pessoal do *Techno* é pessoal da rua", revoltado e "hard" – "nós somos aquelas pessoas mais revoltadas. Quem gosta de *Techno* são pessoas mais exaltadas, mais revoltadas" (Samara, 29 anos).

Neste grupo, as regras de convivência e proximidade com outros grupos são bastante explícitas. Primeiro estão os amigos e conhecidos do bairro onde se vive, depois as pessoas de outros bairros, seguidos pelas pessoas da cidade do Porto e finalmente alguns conhecidos de fora da cidade. Se nos dois primeiros casos o convívio ou conhecimento existe, para além da partilha dos mesmos gostos musicais, por proximidade geográfica ou sentido de pertença ao mesmo grupo – "pessoal de bairro" – nos outros há uma ligação evidente à cultura das festas *Techno*. As pessoas conhecem-se, criam relações e fortalecem as já existentes nas festas.

Existem rivalidades nos 4 níveis (bairro; outros bairros; Porto; fora do Porto), mas também solidariedade quando em confronto com grupos diferentes. Em grandes festas *Techno* não é invulgar surgirem alianças entre grupos de diversos bairros ou mesmo de grupos vistos como pertencentes ao Porto e ao Norte, no confronto com os "invasores do Sul", geralmente adeptos de música *Techno* de origem africana residentes em Lisboa e arredores. Aliás,

confrontos físicos entre "Nortenhos" e "Sulistas" são comuns nas grandes festas *Techno*.

As Festas

Fruto da associação da música *Techno* a populações mais desfavorecidas do ponto de vista socioeconómico ou pelas situações de violência ou roubos em contextos *Techno*, o facto é que houve um período relativamente alargado em que as festas exclusivamente *Techno* na cidade do Porto eram raras. Paralelamente, o grande crescimento da música "*House*", mais acessível, acabou por ter um efeito negativo na "cena *Techno*" cada vez mais reduzida em termos de eventos e praticamente sem "catedral", ou seja uma discoteca ou clube dedicada a este estilo musical, desde o encerramento da discoteca *Rocks*, em Vila Nova de Gaia, no final de 2000. Só mais recentemente, já no último trimestre de 2003 a situação começou a ser invertida, com a realização de festas *Techno* no Teatro Sá da Bandeira e outros espaços.

Para além destas sessões no Sá da Bandeira, há que referir ainda as grandes festas de música de dança, realizadas em grandes discotecas ou ao ar livre, como a *Elektroparade*, que contam sempre com uma área *Techno*, assim como áreas dedicadas ao *House* e ao *Trance*. Este tipo de eventos têm uma grande afluência de público *Techno*. No caso particular da *Elektroparade*, sendo um evento realizado na cidade (desfile diurno pela cidade e festa nocturna na praia do Castelo do Queijo) e tendo em conta as limitações financeiras características deste público, não é de espantar uma grande afluência de adeptos *Techno*: "A zona *Techno* é de longe a que tem mais gente. Facilmente identificáveis pelas roupas e bonés, os «*Techno*» dispõem-se em frente ao palco, quase até ao mar. Dançam de olhos fechados, com movimentos mecanizados, quase agressivos, abanando a cabeça ao ritmo imparável debitado pelo DJ de serviço" (Diário de Campo, Festa *Elektroparade*).

A violência está muitas vezes associada a festas *Techno*. No sítio de internet da revista *Danceclub*, mais especificamente no fórum de discussão, ponto de encontro dos internautas ligados à música de dança, era vulgar aparecerem denúncias e queixas de situações violentas, roubos e vandalismo em festas *Techno*. Não é correcto

afirmar que exista violência em todas as festas, embora se sinta um ambiente de agressividade latente, em que o menor acontecimento pode originar confrontos: "Círculo pela zona adjacente ao palco *Techno*. Noto que muitas destas pessoas estão sob o efeito de drogas. As caras são agressivas, fechadas. Não há sorrisos. A agressividade da música influencia as minhas percepções, mas não posso negar que sinto um ambiente de cortar à faca" (Diário de campo, Festa *Elektroparade*).

As situações de violência parecem ser mais prováveis em grandes festas, onde adeptos *Techno* de diversas zonas do país se encontram. Tendo em conta o modo como os grupos se organizam, muitas vezes por áreas geográficas, o fenómeno da violência nestes contextos, para além das questões relacionadas com o abuso de drogas e de uma certa agressividade pertencente ao "ser de bairro", parece estar relacionado com a defesa do território contra grupos vistos como diferentes, perigosos ou rivais. Não é de rejeitar a possibilidade de uma certa associação ao futebol, até porque os "inimigos" são sempre de Lisboa e de também de algum racismo já que os agressores ou ladrões são sempre indicados como sendo de origem africana: "É que é pessoal de Lisboa, pessoal do Porto, é sempre a mesma merda, pretos... E a droga está sempre lá. Mas é mais os pretos andarem a comer⁽²⁾ o pessoal, isso é sempre" (António, 24 anos); "Todos os anos há porrada, todos os anos há pessoas que são esfaqueadas e etc. (...) Não sou racista, mas há pretos que andam em festas só mesmo para... são pessoas que não são de cá e estão-se a cagar. E não vêm um ou dois, vêm às camionetas cheias. Quando vem aí o Carl Cox⁽³⁾ ou assim... ganda seita! Nós estamos na nossa terra que é mesmo assim e não nos vamos rebaixar!" (Jorge, 26 anos).

Nas festas *Techno*, a maioria do público é do sexo masculino, o que é também adiantado pelos entrevistados como razão para a violência que por vezes ocorre. Quanto às razões para a ida a festas *Techno* e não a outras, todos os actores referem a pujança da música, ideal para dançar. E o dançar é também uma forma assumida de libertar energias e stress, quase uma forma de revolta. A dança ao som da música *Techno* – agressiva por natureza – acaba por ser uma forma de libertar a agressividade de uma

forma aceitável: "Um gajo não tá bem com a vida, anda revoltado com a vida e prontos... Vai a uma festa, descarrega." (Jorge, 26 anos).

As Drogas

Nos contextos *Techno* a regra é o policonsumo de drogas, nomeadamente o ecstasy, a cocaína, o álcool e a cannabis. No entanto, há uma preferência marcada pelas pastilhas (acompanhadas pela omnipresente cannabis). Temos alguma dificuldade em esclarecer se estas pastilhas são ecstasy ou anfetaminas, já que os efeitos descritos pelos entrevistados variam entre os dois pólos, ou se os efeitos mais anfetamínicos descritos terão origem num excesso de consumo de MDMA. Para os actores, no entanto, as pastilhas são sinónimo de ecstasy. A distinção é feita entre "pastilhas para a cabeça" (provavelmente MDMA) e "pastilhas para o corpo" (provavelmente anfetaminas).

Julgamos que as drogas mais consumidas serão o ecstasy e as anfetaminas, vendidas ambas como sendo MDMA, mas com a referida distinção entre pastilhas para a cabeça e pastilhas para o corpo.

O consumo excessivo de pastilhas parece ser a norma, tomando em certas situações padrões de consumo compulsivo. Para muitos adeptos *Techno*, a droga é para tomar até se acabarem as pastilhas, não sendo raros consumos de 10 a 12 pastilhas por festa. Paralelamente, é claro que, festa sem droga não é festa: "Claro que as drogas estão associadas ao *Techno*! Se não houver drogas, não é a mesma coisa... É assim: «No drugs, no fun!»" (Jorge, 26 anos).

O acesso às substâncias nestes contextos é extremamente fácil. Quem quiser adquirir alguma droga, praticamente nem precisa de procurar ou indagar por um vendedor: "Estou na festa há coisa de 3 horas. Neste espaço de tempo fui abordado por dois vendedores de droga na área *Techno* e por um na área *Trance*. Curiosamente, vendiam substâncias diferentes. Os dois do *Techno* abordaram-me perguntando se queria ganza ou pastilhas. O do *trance*, para além do haxixe tinha também selos de LSD para venda". (Diário de Campo, Festa *Elektroparade*).

O Consumo de drogas é generalizado nas festas *Techno*. Os sujeitos que entrevistamos afirmam-no taxativamente. Dois deles arriscam mesmo dizer que 99% das pessoas tomam

alguma coisa numa festa *Techno*. Nas nossas observações em contexto constatamos um elevado consumo de pastilhas. A cada passo víamos uma ou mais pessoas a ingerir pastilhas, por vezes 3 ou 4 ao mesmo tempo. O consumo de cannabis é também generalizado.

Todos os sujeitos entrevistados conhecem uma ou mais pessoas que ficaram com sequelas atribuídas ao consumo de drogas, nomeadamente ao nível psicológico, com internamentos em hospitais psiquiátricos. Estas consequências do uso são atribuídas a dois factores principais: consumo excessivo e consumo em condições psicológicas inadequadas (tristeza). Os sujeitos entrevistados tentam de alguma forma combater estes perigos, se bem que de uma forma original: indagam o traficante sobre o tipo e qualidade da pastilha. Se a mesma não corresponder às promessas do vendedor, "vamos pedir explicações... ou então é mesmo chegar à violência" (Jorge, 26 anos). Apesar da preocupação fundamental seja a de que a droga "bata mesmo", e embora de uma forma superficial e quase secundária, os sujeitos mais experientes referem tomar algumas precauções, nomeadamente beber água, não misturar Ecstasy com álcool (se bem que o façam, desfazendo pastilhas em copos de whisky, acto denominado "minar uma bebida") e espaçar as pastilhas ao longo da festa. Estes comportamentos advêm da própria experiência ou então de alguma informação que vão obtendo, principalmente através de revistas ligadas à música de dança. Nenhum sujeito referiu acções, materiais ou recursos do IDT (Instituto da Droga e da Toxicopendência como fonte de informação sobre as drogas, e todos referiram a necessidade que sentiam enquanto consumidores de saber mais sobre as drogas que utilizam.

3. HOUSE

Actores

Os consumidores de *House* são mais heterogéneos que os actores das outras duas correntes. Embora maioritariamente jovem, na casa dos 20 anos, o *House* atrai pessoas de várias faixas etárias e de vários estratos socioeconómicos. Contudo, a tendência é para estes actores serem oriundos da classe média-alta, ou pelo menos com um poder aquisitivo superior aos elementos do *Trance* e do

Techno: "Sem dúvida (que as pessoas do *House* têm mais dinheiro)! Pessoal com pasta, trintões, quarentões... é por aí..."; "Já vi e pelo que a minha amiga me conta, que lá em Lisboa ela ia a festas e ela era a mais nova e era tudo pessoal já com filhos e *et cetera* que ia curtir, mandava uns "sniffs" de coca e ia curtir uma música e comer uma gajita e tal e no dia a seguir ia trabalhar para o escritório" (Mariana, 24 anos).

Se no *Techno* o denominador comum é a energia e a libertação de *stress*, no *House* o valor dominante é indubitavelmente a sexualidade, seja pelas indumentárias usadas pelos actores *House* – sempre muito ligadas à moda e à sensualidade – seja pela própria música que vai beber muito ao *disco-sound* e à *soul* norte-americana, seja ainda pela própria maneira de dançar e do ambiente que se cria nas festas. Talvez pelas origens socioeconómicas, talvez pela importância dada à sensualidade, os adeptos desta corrente musical são geralmente pessoas muito ligadas à moda. Aliás, as festas *House* são conhecidas como sendo frequentadas por modelos profissionais e por pessoas bonitas. Esta ligação é tanto mais evidente, quando muitas passagens de modelos de diversas marcas são realizadas em discotecas, seguindo-se a actuação de um DJ, ou mesmo quando, não sendo o evento principal da noite, algumas festas contam com desfiles ou concursos de beleza. Estas questões são também evidentes nos funcionários das discotecas. Os barmen e as barwomen são sempre jovens, com bom aspecto, bem vestidos. Parece haver mesmo um critério de selecção dos empregados relacionado com a beleza, a extroversão e a sensualidade. Como se vê, os actores *House* podem ser caracterizados como oriundos de classes socioeconómicas mais altas, muito ligados à imagem e à sensualidade, para não dizer à sexualidade, patente também em muitas das letras de músicas *House*, como uma, muito tocada em todas as discotecas que visitamos, em que há um apelo directo e explícito ao "abandar o traseiro"⁽⁴⁾. Para além disso, a presença comum de dançarinas(os) semidespidos e por vezes de "drag-queens" ou utilizando imagética "gay" nas festas, ajuda e potência a demonstração por vezes exuberante da sexualidade. Paralelamente, há uma política implícita das próprias discotecas de aposta na clientela mais cuidado em termos estéticos, o que de certa forma,

ajuda também a seleccionar pessoas com um poder aquisitivo mais alto. A roupa é, na cena *House*, factor determinante de diferenciação entre públicos desejados ou indesejados. Uma pessoa que se vista como um típico adepto *Techno* (usando boné, por exemplo) terá dificuldade em entrar numa destas discotecas.

As Festas

As festas *House* são realizadas em diversos espaços. Durante o Verão, é normal serem organizados grandes festivais ou raves, onde o *House* tem sempre uma pista ou palco. Estes eventos são geralmente realizados em zonas ao ar livre ou com recurso a tendas de circo. Habitualmente, existem também espaços dedicados às outras correntes da musica de dança electrónica, nomeadamente o *Trance* e o *Techno*, e, mais recentemente, também dedicadas às correntes mais *Elektro-Clash*.

Paralelamente, é cada vez mais vulgar a realização de festas em discotecas ou clubes, com DJ's convidados. Para além destas festas, há que contar ainda com a realização mais ou menos regular de noites de *House* noutros espaços (como por exemplo no teatro Sá da Bandeira, no Porto).

Um fenómeno cada vez mais habitual é, também, a existência de espaços ligados à musica de dança nos grandes festivais de Verão, tradicionalmente mais dedicados ao rock. Aliás, tem-se assistido a actuações de colectivos de musica de dança nos palcos principais destes festivais. Refira-se, por exemplo, os vários concertos que os *Chemical Brothers* (dupla de DJ's e produtores de musica de dança) têm feito no nosso país, ou ainda as recentes actuações dos *Underworld* e *Faithless* no Festival Sudoeste deste ano.

De qualquer das formas, a música *House* domina quase por completo as discotecas e clubes do país. Existem até clubes de referência para quem gosta de música *House*. Na zona norte podemos destacar o *Pachá de Ofir*, por exemplo, que mantém já há alguns anos uma programação regular nesta área.

Outro fenómeno na área do *House* é a realização de festas *after-hours* (depois da hora). Os actores *House* mais empenhados, depois de terem passado por uma discoteca (que fecha normalmente às 6 da manhã, mas que por vezes estende o funcionamento até às 7 ou 8 horas da manhã) dirigem-se a locais que abrem exactamente à hora a que

fecham os outros sítios. Este fenómeno parece ser generalizado nas grandes cidades. No Porto, a referência para continuar a noite já de dia é o *Maré Alta*, um bar/discoteca que funciona num barco ancorado nas margens do rio Douro. Estas *after-hours* estendem a noite de festa até ao principio da tarde. *After-hours* como existem em Espanha (onde as discotecas funcionam durante todo o Domingo) não parecem ser muito habituais.

Como já referimos, nas festas *House*, a sensualidade e a sexualidade estão muito presentes. É habitual existirem dançarinas e dançarinos semi-despidos, contratados para "animar as hostes", geralmente dançando em cima das colunas de som. Mas esta sexualidade não é apenas heterossexual. Nas festas *House*, a sexualidade e a sensualidade assumem todas as suas dimensões, desde a heterossexualidade à homossexualidade. Esta ligação à cultura *Gay* sempre existiu nas festas *House*. Sendo ambientes onde a sexualidade é livremente exposta e muito visível, é habitual a contratação de *Drag-Queens* ou mesmo dançarinas e dançarinos com um visual muito ligado à estética do *Disco-sound*. Botas de cano alto, com tacões altíssimos, calções apertados, tops minúsculos ou ausência destes, são indumentárias vulgares.

A importância da sexualidade é visível também em termos da própria estratégia de negócio das discotecas, originando as chamadas "Ladies Night" ou noites da mulher. O conceito é simples: As mulheres não pagam consumo mínimo ou têm direito a bebidas de oferta. Os homens, nestas noites, pagam um consumo mínimo de valor mais elevado que o normal. Uma discoteca com muitas mulheres é um atractivo para o público masculino, que já de si gasta tendencialmente mais dinheiro que o público feminino. Assim sendo, ao oferecer bebidas às mulheres, estas comparecem em grande número, arrastando atrás de si o público masculino, a quem são imputadas as despesas da gratuidade das mulheres. O ambiente que se respira nestas noites é quase o de um ritual de fertilidade moderno: "A sensação que tenho é a de estar num verdadeiro talho de carne humana. Muitas mulheres, cada uma mais bem arranjada e bonita que a outra. Muitos homens também, nitidamente em modo de "caça", geralmente ao pé dos bares, observando as presas que irão atacar depois de algumas bebidas" (Diário de Campo,

Discoteca *Estado Novo*, Fevereiro de 2003). Arriscamos afirmar que estas festas servem muitas vezes de contexto privilegiado para rituais de acasalamento modernos.

As drogas

Na cena *House* a regra é também o policonsumo de drogas, nomeadamente cannabis, álcool, ecstasy e cocaína, havendo uma preferência marcada por estas duas últimas, principalmente a cocaína. A heroína, o LSD e os cogumelos mágicos não fazem parte da panóplia de drogas consumidas por esta população.

O consumo de cocaína na cena *House* está principalmente ligado à imagem de sucesso profissional e poder económico, até porque a cocaína ainda é das drogas mais caras. Nesse sentido, o consumo de cocaína é principalmente de cloridrato de cocaína, "snifado". O consumo de cocaína versão base, fumado, não é habitual, já que está associado a uma imagem mais de rua e menos de *glamour*. Em relação ao ecstasy, embora transversal na cultura *House*, parece ser mais habitual nas franjas de nível etário mais baixo e na versão "*Hard House*"⁽⁵⁾.

O consumo de cocaína não está apenas ligado à imagem de sucesso, mas também ao ser artista. É vista como uma substância que potencia as capacidades criativas. Sendo os DJ's os artistas neste tipo de música, não é de espantar que muitos deles consumam cocaína: "Quase todos os DJ's estrangeiros, mais consagrados, (...) são quase que agarrados à cocaína, se calhar como a maioria dos músicos (...) é muito melhor um artista qualquer estar sob o efeito de cocaína que sob o efeito de *speed*, porque a cocaína dá mesmo... não sei... dá mais sensibilidade, ficam mais criativas e isso é importante para eles" (Sílvio, 22 anos).

O acesso às drogas em contexto *House* é relativamente fácil, embora mais dificultado que nas outras tendências. Existe venda de drogas nas festas, mas esta é mais discreta, até porque, sendo a maior parte das festas realizada em discotecas, há um controle mais apertado dos seguranças em relação a estas actividades ilícitas. Mesmo assim, a compra de ecstasy é mais fácil que de cocaína. Na maior parte dos casos basta indagar e seremos postos em contacto com um traficante: "vais perguntando e há-de haver alguém que te oriente" (Mariana, 24 anos).

4. TRANCE

Actores

Os adeptos do *Trance* são, na sua maioria, estudantes universitários, muitas vezes alunos de cursos de humanidades ou belas-artes, oriundos da classe média, com um nível cultural relativamente elevado, onde referências históricas e filosóficas são habituais no discurso.

O movimento *Trance* é assumidamente neo-hippie, onde os valores como a liberdade individual, a defesa da natureza e a ligação à espiritualidade são defendidos havendo mesmo um sentido de missão na divulgação destas ideias. Paralelamente, e dadas as características neo-hippies deste movimento, as festas são frequentadas por jovens e menos jovens adeptos de um estilo de vida alternativo, muitas vezes ligados a ideologias de tipo anarquista. A sensação com que ficamos depois de várias entrevistas, conversas e das visitas aos contextos *Trance*, é que esta "cena" é um verdadeiro "melting pot" das facções juvenis mais contra-cultura, desde o "freak" psicadélico à procura de epifanias espirituais ao anarca assumido que rejeita o sistema capitalista, passando pelos "travellers", pessoas com uma ideologia ou visão neo-hippie, que fazem das viagens o seu estilo de vida, vivendo muitas vezes em comunidades, sempre em contacto directo com a natureza. Em comum, têm a rejeição da sociedade mais alargada e seus valores ligados ao dinheiro.

As religiões ou filosofias orientais estão muito presentes na cultura *Trance*, bem como um pensamento político de esquerda: "Há pessoal que vive em comunidades hippies, há pessoal que pratica sexo tântrico, que prefere as religiões orientais... há montes de gente do PCP, por exemplo, eu conheço imensa gente que curte trance e que é do PCP" (Ana, 24 anos).

De certo modo, os actores trance caracterizam-se por 3 grandes conceitos definidores, que se podem inter cruzar: a espiritualidade oriental; a ligação à natureza; a rejeição da sociedade capitalista. Particularmente os valores ecológicos estão muito presentes, como tivemos ocasião de constatar: "A questão do ambientalismo parece não ser palavra vã por estes lados. Para além das barraquinhas de comida vegetariana, reparo que na tenda principal as pessoas deixam as garrafas e outros lixos em montes, estrategicamente colocados junto às varas que suportam a

tenda, não o deixam espalhado pelo recinto. Deve facilitar imenso o trabalho de limpeza quando a festa terminar" (Diário de Campo, festa *Trance*).

No que diz respeito à espiritualidade, esta é também muito visível. O uso de drogas tem muitas vezes um objectivo espiritual, as decorações recorrem muitas vezes a imagens religiosas, nomeadamente Hindus e Budistas, com a deusa Shiva a ter um papel preponderante. O facto do *Trance* psicadélico ter nascido no seio da comunidade hippie residente na Índia, mais especificamente em Goa, levou à incorporação desde cedo destes conceitos relacionados com a espiritualidade oriental. Paralelamente, conceitos retirados das religiões xamânicas foram também incorporados na cultura trance, nomeadamente o recurso a drogas alucinogénicas com o objectivo de aceder ao mundo espiritual.

As festas

As festas *Trance* são normalmente realizadas em espaços ao ar livre, numa ligação muito próxima com a natureza. Naturalmente que também são realizadas algumas festas em locais fechados, mas o grosso das festas são realizadas ao ar livre, em locais por vezes recônditos, de acesso dificultado a quem não pertença ou não esteja minimamente ligado ao movimento.

As festas são divulgadas de boca em boca, via internet através de listas de correio electrónico ou por *flyers* distribuídos nas festas anteriores. Nas festas de maior dimensão (ou mais comerciais, como dizem alguns adeptos *Trance*), há também o recurso a cartazes e outros materiais de divulgação. Geralmente os *flyers* distribuídos referem o percurso a efectuar desde Lisboa ou Porto, seguindo esta ou aquela estrada nacional, até chegar ao quilómetro X e depois seguir as indicações colocadas em sinais de trânsito. Estas indicações são pequenos autocolantes, sem significado para o neófito nestas coisas, mas facilmente identificáveis para os membros da cena *Trance*, geralmente pequenas setas com cores fluorescentes, por vezes acompanhados pela imagética *Trance* (imagens de duendes, por exemplo). Para além da ligação à natureza, a realização das festas em locais distantes dos grandes centros tem como objectivo o afastar grupos indesejados ou tidos como não pertencentes ao espírito *Trance* de paz, amor e partilha, como os adeptos *Techno*.

Nas festas *Trance* há sempre uma zona de dança, muitas vezes uma tenda de circo grande, uma zona de *chill-out*, também numa tenda, mais afastada da tenda principal, para além de diversas barracas onde se vendem as mais diversas coisas, desde roupas a artesanato, passando por cachimbos de água. Durante a noite, ou se dança na pista principal ou se conversa e convive na zona de *chill-out*. Esta última surge como contexto privilegiado para fazer novos amigos ou participar em conversas sobre diversos temas, muitas vezes abordando a filosofia, a espiritualidade ou até mesmo a política, no sentido ideológico da mesma. Habitualmente, no *chill-out*, existem chás e bolos à venda, o que aliado a um ambiente descontraído e confortável, potencia a partilha de experiências. A música nestas zonas, embora de tipo psicadélico, é mais calma e colocada num volume que permite a conversa. A ajudar ao convívio, a partilha de cannabis nos pequenos grupos que se formam sentados no chão serve como ritual visível da filosofia de partilha dos *trancers* e também como modo de inclusão de novos elementos, através do convite (habitual) para fumar cannabis.

Na tenda principal, a música é mais potente e psicadélica: "A primeira impressão com que fico ao chegar à pista principal é avassaladora. A música é muito potente, quase "tecnóide". Não distingo logo os sons psicadélicos que me descreveram nas entrevistas, mas ao observar a massa enorme de pessoas a dançar, cada um de forma diferente, mas essencialmente com movimentos largos de braços e contorções do torso, percebo o porquê desta música se chamar *Trance*, já que realmente induz um estado de quase transe. (...) Menos de cinco minutos depois da minha chegada à pista já estou a bater o pé ritmicamente e tenho uma vontade enorme de fechar os olhos e deixar a música fluir pelo meu corpo, apesar de nem sequer ser apreciador de música electrónica. Ao meu redor, quem não dança com os olhos fechados em nítido estado de êxtase, olha em volta e sorri para toda a gente. Há um ambiente de partilha, em que a música parece fazer com que toda a gente faça parte de algo em comum. Não somos indivíduos, os indivíduos criam um ser diferente, quase uma consciência partilhada por todos, de ritmo, transe, êxtase" (Diário de Campo, Festa *Psychedelic Gathering* – *Degracias*, Serra do Sicó, Pombal).

As decorações nestas festas são de pendor psicadélico: "Dou uma volta por todo o recinto, de forma a poder ver o tipo de decorações. Na tenda principal, chama-me logo a atenção dois enormes panos, um de cada lado do DJ. Num lado, o desenho é de uma figura masculina, em pose de dança, com motivos psicadélicos à sua volta e uma lua. Do outro lado, a figura, também em pose de dança, é feminina e tem um sol. O Ying e o Yang, os masculino e feminino, o dia e a noite. Na tenda de *chill-out*, para além dos diversos panos com motivos psicadélicos, como espirais de todas as cores, há também borboletas coloridas, com tamanho respeitável, talvez de metro ou metro e meio, penduradas no tecto. Toda a decoração é muito colorida, psicadélica". (Diário de Campo, Festa *Psychedelic Gathering*)

As drogas

Se bem que na cena *Trance* a regra seja o policonsumo de drogas, há uma preferência marcada pelas drogas psicadélicas ou de viagem, nomeadamente, o LSD e os cogumelos mágicos. Há ainda algum consumo de álcool, moderado, para além da omnipresente cannabis. O consumo de pastilhas, nomeadamente Ecstasy é também provável, embora residual, já que é uma droga vista como associada aos adeptos *Techno*, de má qualidade e com efeitos indesejados, que não liga com o tipo de música muito cerebral que é o *trance* nem com o próprio espírito das festas: "Eu não consumo pastilhas. Por norma os nossos amigos não consomem pastilhas, porque misturam cavalo e merdas nas pastilhas, porque as pastilhas...aquilo vem de laboratórios reais. Metem tudo o que é merda nas pastilhas" (Angelo, 23 anos).

A haver uma droga de eleição na cultura *trance* esta é, sem dúvida, o LSD. Para além das experiências psicadélicas que "ligam" com o próprio tipo de música, os ácidos são utilizados conscientemente como forma de atingir estados alterados de consciência, de forma a atingir o sagrado – ver a face de deus – ou como auxiliar de autodescoberta: "Tomo drogas psicadélicas. Sempre foram as que me fascinaram e me fascinam. As pessoas tentam atingir outra percepção das coisas com estas drogas. Transforma-te completamente. Desde o primeiro contacto que tenhas com uma droga alucinogénica tu transformas-te completamente. (...) Sentes-te diferente. Não das pessoas que

aqui estão, mas das pessoas que estão lá fora (na sociedade comum)". (Dinis, 26 anos)

Os *trancers* com quem contactamos têm um respeito muito grande pelas drogas alucinogénicas, já que são vistas por muitos como uma oferenda dos deuses ao Homem e que por isso devem ser usadas com cuidado, nas condições adequadas e com os objectivos certos. A sanção de não o fazer pode ser a "bad trip".

O consumo de ácidos é feito espaçadamente, por vezes com meses de intervalo entre uma "viagem" e outra. Por um lado, porque o consumo mais regular poderia tirar o "glamour" espiritual à experiência. Por outro lado, porque a maior parte dos *trancers* tem consciência dos riscos associados ao consumo destas drogas e ao espaçar o consumo tenta reduzir esses riscos. Alguns dos *trancers* tem um consumo controlado com tentativas de minimização de riscos. Refira-se como exemplo o grande ênfase nos benefícios de ter um "sitter"⁽⁶⁾ na primeira experiência, a importância dada ao contexto (natureza como local ideal para experiência psicadélicas) e ao próprio estado de espírito do potencial consumidor, variáveis referidas como essenciais para uma boa viagem, por todos os *trancers* entrevistados.

Como se vê, as drogas mais habituais em contextos *trance* são o LSD, os cogumelos mágicos e a cannabis. No entanto, outras substâncias menos conhecidas são também consumidas, embora, presumimos, ainda em círculos restritos dentro da cultura *trance*, como é o caso da *Sálvia Divinorum* e da *Ayhuasca*. Estas são também substâncias alucinogénicas.

O acesso às substâncias é fácil nestes contextos, bastando perguntar ou simplesmente observar onde e quem realiza transacções de droga, que são feitas às claras. Outra forma de acesso a estas substâncias (nomeadamente os cogumelos mágicos e a *Sálvia*) muito vulgar nesta comunidade é o recurso a sites de internet holandeses, onde se podem encomendar desde as próprias substâncias até sementes de cannabis e kits de cultivo de cogumelos psilocibinos. Um destes sites, referido por diversos *trancers* é o www.azarius.com. Uma pequena visita ao site e ficamos a saber que é possível encomendar diversas substâncias e toda a parafernália associada ao consumo de drogas, desde os cachimbos de água a vaporizadores — máquinas que

permitem fumar cannabis sem haver combustão da mesma — passando por kits de preparação e reparação de consumo de ecstasy, kits de análise a pastilhas, etc., etc., etc. De referir, que uma das línguas em que é possível aceder a este site é o português e existe inclusivamente uma conta bancária num banco português de forma a facilitar o pagamento das encomendas portuguesas.

5. ALGUMAS CONCLUSÕES

Como se pode depreender da leitura deste artigo, a associação quase exclusiva que é feita do ecstasy à *dance-music* e vice-versa é errada. Existem diversos tipos de *dance-music* e consoante o estilo musical, os adeptos, as suas origens, valores e até padrões de consumo são diferenciados. Os adeptos *Techno* preferem as pastilhas; os adeptos do *House* preferem a cocaína, os adeptos do *Trance* preferem os ácidos. Há, naturalmente, um padrão de policonsumo de drogas, onde a droga "rainha" de cada subcultura é associada a outras, nomeadamente à cannabis ou ao álcool. Hoje em dia, já não existem consumidores de apenas uma droga, existem padrões de policonsumo de drogas, onde a cannabis surge como o denominador comum. É como que o estado basal psicotrópico onde depois se acrescentam outras substâncias. Fazendo uma analogia culinária, a cannabis é o refogado onde depois se deitam os ingredientes principais de um prato psicotrópico.

Naturalmente, que nem toda a gente que frequenta estes contextos consome drogas ilegais. No entanto, o consumo de substância controladas é muito visível e está quase normalizado dentro destas culturas. Uma festa *Techno* já não faz sentido sem pastilhas, uma festa *Trance* se calhar precisa de uns cogumelos ou até mesmo de um ácido para melhor "surrealizar por aí" como diriam os BAN, o "glamour" e a beleza das festas *House* fica mais acentuado se se der umas linhas de coca.

É de referir uma mudança nos padrões de consumo de drogas. Cada vez mais, este é semanal e contextualizado pelas festas. Do "Junkie" de heroína, estamos a passar para o "junkie" de fim-de-semana, por vezes com consumos altíssimos e potencialmente perigosos (como no caso dos adeptos *Techno*, que podem chegar a consumir 10 pastilhas de ecstasy durante uma festa).

Estas novas realidades – a bem da verdade, estes fenómenos já não são assim tão novos, nem são novas as drogas consumidas, já que as “novas drogas” são consumidas há mais de 15 anos em Portugal – obrigam a uma nova forma de entender e intervir na área das drogas. Dado o potencial de perigosidade da adulteração de pastilhas de ecstasy, julgamos urgente a implementação de medidas de redução de danos, nomeadamente os testes às pastilhas (coisa que já é feita em algumas países da Europa há muitos anos – na Holanda desde 1992).

Paralelamente, e de uma vez por todas, é preciso aceitar que o discurso do “não à droga” não funciona e, aliás, pode é incitar o consumo. Estes consumidores não se vêm como toxicodependentes e, em rigor, não o são. É preciso adoptar políticas e intervenções pragmáticas, viradas para a redução de danos. É preciso estar onde os consumidores estão – nas festas – e não nos nossos gabinetes à espera que eles lá apareçam, já com sequelas graves do consumo destas substâncias. Não querendo ser alarmista, não posso deixar de referir um risco – real – que corremos: Muitos destes consumidores irão desenvolver problemas psiquiátricos graves. Parte de uma geração vai chegar à idade adulta com défices cognitivos, a continuar estes padrões de consumo de drogas sintéticas a que se assiste hoje.

Urge intervir, rapidamente e em força, nestes contextos. Urge também, acompanhar, investigar as novas tendências culturais dos jovens. Hoje em dia o *Hip-Hop*, por exemplo, é já um estilo musical e cultural importante e provavelmente tornar-se-á dominante daqui a pouco tempo. Toda a cultura juvenil está, quase por definição, em constante mutação. Para compreendermos novos consumos, novas tendências de uso de drogas – para podermos intervir adequadamente – teremos inevitavelmente de acompanhar e compreender as culturas que as contextualizam. Investigação-Acção deve deixar de ser um chavão para passar a ser realidade nesta área.

Contacto:

Victor Silva
IDT/ DRN

Comunidade Terapêutica do Norte - Ponte da Pedra
Rua Santos Leça (sem número)
4465-479 Leça do Balio
victor.silva@tvitel.pt

NOTAS

(*) Este artigo é uma versão condensada de alguns capítulos da Dissertação de Mestrado em Psicologia do Comportamento Desviante - Toxicodependências, com o título “*Trance, House e Techno – Espiritualidade, Sensualidade e Energia – Uma incursão pelas culturas da música de dança electrónica: Os grupos, os percursos individuais de inclusão, o uso de drogas*”, apresentada na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto em 2004.

(1) Em futuros artigos pretendemos voltar a este tema, analisando nomeadamente as contribuições das teorias das subcultura para a compreensão dos grupos agora descritos e percursos desenvolvimentais de indivíduos a elas pertencentes.

(2) Enganar, roubar.

(3) DJ *Techno* de topo mundial, oriundo dos EUA, de origens africanas.

(4) A letra desta música, dos *Groove Armada*, diz qualquer coisa como “I see you baby, shake that ass, shake that ass”.

(5) *Hard House* é um dos subgéneros do *House*, mais pesado, ritmado. Pode ser por vezes confundido com *Techno*.

(6) Geralmente um consumidor mais experiente que guia a experiência do neófito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Silva, V. (2004). *Trance, House e Techno – Espiritualidade, Sensualidade e Energia: Uma incursão pelas culturas da música de dança eletrônica: os grupos, os percursos individuais de inclusão, o uso de drogas*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, Portugal (Policopiado).

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Becker, H. S. (1991). *Outsiders: Studies in the sociology of deviance*. New York: Free Press.

Chaves, M. (1998). "Consumos de "Novas drogas": pontos de partida para a investigação sociológica". *Toxicodependências*, 4 (2): 15-23.

Eisner, B. (1994). *Ecstasy: The MDMA story*. Berkeley: Ronin Publishing.

Fernandes, L. (1990). *Os Pós Modernos ou a cidade, o sector juvenil e as drogas*. Porto: FPCEUP (policopiado).

Flick, U. (1998). *An Introduction to Qualitative Research*. London: Sage Publications.

Franklin, C. & Nurius, P. (1998). *Constructivism in Practice*. Milwaukee: Families International, Inc..

Garrat, S. (1998). *Adventures in Wonderland: A decade of Club Culture*. London: Headline Book Publishing.

Godinho, J. (1995). "Ecstasy (MDMA) e outras designer drugs". *Toxicodependências*, 1 (1): 63-66.

Henriques, S. (2003). *O Universo do Ecstasy*. Azeitão: Autonomia 27.

Lyddon, W. J. & Alford, D. J. (1993). "Constructivist Assesment: A Developmental-Epistemic Perspective". In Nimeyer, G.J. (Ed). *Constructivist Assesment: A Casebook*. Sage Publications.

Pais, J. M. (1999). *Traços e riscos de Vida*. Porto: Ambar.

Reynolds, S. (1998). *Energy Flash: A Journey through Rave music and Dance Culture*. London: Picador.

Saunders, N. & Doblin, R. (1996). *Ecstasy: Dance Trance & Transformation*. San Francisco: Quick American Archives.

Ter Bogt, T. et al. (2002). «Dancestasy»: *Dance and MDMA use in Dutch youth culture*. Contemporary Drug Problems. Nº 29.

Thornton, S. (2001). *Club Cultures – Music, Media and Subcultural Capital*. Cambridge: Polity.

Vala, J. (1986). "A Análise de Conteúdo". In Santos, A. S. & Pinto, J. M. *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Afrontamento.

Viana, L. (2002). "Ecstasy. História, Mitos e Factos". *Toxicodependências*, 8 (1): 65-78.

Winjngaart, G.; Braam, R.; de Bruin, D.; Fris, M.; Maalsté, N.; Verbraeck, H.; (1998). *Ecstasy and the Dutch Rave scene: A socio-epidemiological study on the nature and extent of, and the risks involved in using ecstasy and other party drugs at dance events*. Utrecht: Utrecht University – Addiction Research Institute (policopiado).